juros de novo

Heitor Tepedino

Nova Iorque — As expectativas de novos aumentos da taxa da « prime rate » estão mais acentuadas após a divulgação do índice de abril dos preços ao consumidor nos Estados Unidos, com um incremento de 0,5 por cento. Tudo indica que o Federal Reserve (Banco Central) terá de apertar mais ainda a política monetária visando conter os índices inflacionários, o que fatalmente provocará um reajuste dos juros americanos. Segundo previsões de analistas, após a divulgação desses índices a « prime rate » deve chegar a 14 por cento este ano, contra os atuais 12,4 por cento.

Com tais perspectivas, o dólar deve manter-se altamente valorizado no mercado internacional de moedas, como vem ocorrendo, diante das possibilidades de bons rendimentos com as taxas de juros da « prime rate ». Em contrapartida, além dos prejuízos do Terceiro Mundo com esta ameaça de novos aumentos dos juros de sua dívida — cada ponto percentual de elevação representa para os devedores do Terceiro Mundo despesas adicionais de US\$ 4 bilhões — surge o fato mais grave, de que com juros altos os preços das « commodities » declinam, devido à redução de estoques pelos compradores, para fugir-se do alto custo financeiro dos empréstimos bancários.

Dentro deste quadro, desponta na área internacional o processo verificado no início da recessão, em que as altas taxas inflacionárias dos países desenvolvidos levaram os juros para cerca de 20 por cento ao ano, o que descapitalizou o Terceiro Mundo e, para agravar, os preços das « commodities », naquela época, caíram para níveis abaixo do custo de produção, o que se verifica até hoje com o açúcar. Com isto, os países devedores tiveram as suas despesas financeiras elevadas em relação à dívida externa e suas exportações prejudicadas com a redução de faturamento com as « commodities », gerando a bancarrota de países como o México, Brasil, Argentina.

Incrivelmente aquele período catastrófico para os países devedores começa a ensaiar uma ameaça de repetição, com a única diferença de que os Estados Unidos estão em plena fase de crescimento, suas indústrias produzindo a todo vapor, as taxas inflacionárias sob controle, com pequenas variações que não chegam a assustar, porque estima-se que os índices de preços, em dezembro próximo, poderão chegar, no máximo, em 5,5 por cento em relação aos 12 últimos meses.

Tomando-se por base que cada ponto percentual de aumento da « prime rate » significa um crescimento de US\$ 4 bilhões de juros para o Terceiro Mundo, verifica-se que em relação aos juros internacionais do ano passado, que estavam em 10,5 por cento, os banqueiros já conseguiram esticar as despesas dos devedores até agora em US\$ 8 bilhões, já que a « prime » está em 12,5 por cento, e este total poderá atingir a US\$ 14 bilhões, caso a previsão de que a « prime » suba para 14 por cento seja confirmada.

Com a gravidade do quadro internacional em termos de relacionamento difícil entre os EUA e a União Soviética, o agravamento da guerra do Irã e Iraque com o afundamento de cargueiros de petróleo, as dúvidas sobre o rumo da economia internacional e a crise da América Central, o manifesto dos presidentes do Brasil, México, Argentina e Colômbia teve repercussão bem menor do que deveria, ninguém mais se referindo a este protesto. Os banqueiros estão tranquilos dentro do princípio de que o poder de decisão está com o credor e não com o devedor. Assim, a reunião de chanceleres desses quatro países corre o risco de não ter o que decidir, porque quem fixa os juros são eles, os banqueiros.

Neste contexto, o futuro do Terceiro Mundo continua na dependência do sucesso da política econômica americana — o que não é um privilégio, porque os europeus também — melhorando a situação se a inflação dos EUA cair. A única alternativa para que a reunião dos chanceleres tivesse sucesso seria declarar a suspensão dos pagamentos de seus débitos até que recebam propostas concretas que melhorem o perfil de suas economias. Fora isso, terá o mesmo efeito de um discurso de protesto na ONU.

Banqueiros ameaçam subir

Arquivo

Economia

8 • QUINTA-FEIRA, 24/5/84